

AS NOVAS FRONTEIRAS DA PESQUISA, DA EDUCAÇÃO E DA PRÁTICA DA CONTABILIDADE: O EFEITO DA CONTABILIDADE INTERNACIONAL

As soberanias nacionais no estabelecimento de práticas e normas contábeis vêm cedendo lugar ao pragmatismo: contabilidade é vista, mais do que talvez nunca antes tenha sido, como a linguagem da comunicação dos negócios por excelência. O extraordinário autor Fabio Besta, na Itália do longínquo ano de 1909, já nos brindava com o brilho da definição sucinta: “Contabilidade é a ciência do controle econômico”. Gerar emprego e renda pela exploração organizada da atividade empresarial passou a ser meta de governos e de indivíduos. Além dos centenários – talvez milenares – mecanismos de financiamento da expansão da capacidade produtiva pelo crédito, há poucos séculos concebeu-se a alternativa de angariar sócios no risco do empreendimento.

Esses dois métodos básicos de unir empreendedores sem capital a capitalistas se sofisticaram, e o meio de ligação pelo qual um e outro se atraem ou se rejeitam é a informação. Informação de desempenho pretérito, pela qual se desenham expectativas de desempenho futuro. Margens, retornos, robustez patrimonial e conquistas (tecnológicas, de mercados, novos produtos, logísticas) são perseguidos para melhoria quando indesejáveis ou para reprodução quando atraentes, a partir da informação. E capturar tais desempenhos, precificá-los e comunicá-los passaram a ser entendidas como as mais nobres funções da contabilidade.

Com a eliminação progressiva das barreiras aos fluxos internacionais de serviços, bens e capitais – parte do que se chama “fenômeno da globalização” – a comunicação de tais desempenhos passou a exigir identificação de fundamentos universais e claros; as normas de captura, mensuração e registro dos fenômenos que atuam sobre os patrimônios (em tamanho e/ou em natureza), para subsequente revelação aos interessados (“usuários” da informação contábil) não mais comportavam serem definidas dentro de limites geoculturais restritos: havia que se caminhar para um processo legitimamente “supra” nacional para se “fazer” contabilidade no sentido mais elevado da expressão.

Quem cristalizou e simbolizou essa evolução, da contabilidade rançosamente doméstica para a contabilidade orgulhosamente além-fronteiras, foi o campo de estudos hoje chamado de contabilidade internacional. Ela requer uma profunda imersão nos fundamentos da atividade empresarial: qual o efetivo negócio da firma, quando, como e por quanto suas ações alteram o valor e/ou a composição de seu patrimônio, e como o convívio entre finanças, economia, direito e cultura das organizações é capturado para refletir a mutação da riqueza entre dois momentos quaisquer, e como tal mutação se origina e se distribui.

“Conhecer, Ensinar e Fazer contabilidade”, no atual ambiente internacional, é cada vez menos um exercício de “entender DE contabilidade” e cada vez mais um exercício envolvendo fundamentos dos negócios, razões de sucessos e fracassos e como, quando e por quanto os contratos aos quais as empresas aderem devem ser reconhecidos na estrutura dos patrimônios.

L. Nelson Carvalho
Professor Doutor de Departamento
de Contabilidade e Atuária da FEA/USP